

VALÉRIE ZENATTI

# UMA GARRAFA NO MAR DE GAZA

Tradução  
Julia da Rosa Simões

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2004 by *l'école des loisirs*, Paris  
O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Une bouteille dans la mer de Gaza

*Imagem de capa*  
Photos TS Productions 2011

*Preparação*  
Maria Fernanda Alvares

*Revisão*  
Viviane T. Mendes  
Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Zenatti, Valérie

Uma garrafa no mar de Gaza / Valérie Zenatti ; tradução  
Julia da Rosa Simões. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte,  
2012.

Título original: Une bouteille dans la mer de Gaza.  
ISBN 978-85-65765-02-2

1. Conflito árabe-israelense – Literatura infantojuvenil
2. Literatura infantojuvenil I. Título.

12-11152

CDD-028.5

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Conflito árabe-israelense : Faixa de Gaza :  
Literatura infantojuvenil 028.5

2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone (11) 3707-3500  
Fax (11) 3707-3501  
[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)  
[www.facebook.com/editoraseguinte](http://www.facebook.com/editoraseguinte)  
[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)

## *Jerusalém, 9 de setembro de 2003*

Estes são dias de trevas, de tristeza e de horror. O medo voltou.

Mamãe tinha acabado de insistir, pela terceira vez, para que eu fosse dormir, porque amanhã o dia começaria cedo. E então os vidros tremeram e meu coração deu um pulo no peito, pareceu ter subido até a garganta. Só fui entender um segundo depois: uma explosão tinha acabado de acontecer bem perto de nossa casa.

Uma explosão significa, necessariamente, um atentado.

Meu irmão mais velho, Eytan, que é enfermeiro militar, saiu imediatamente com seu estojo de primeiros socorros. Papai hesitou por um instante, depois o seguiu. Mamãe me apertou em seus braços, chorando e, como sempre, fez quatro coisas ao mesmo tempo: ligou a tevê, o rádio e a internet, e correu para pegar o celular. É o que chamo de reação altamente tecnológica.

Fugi para o meu quarto, sabendo que ninguém me pediria dez vezes para apagar a luz e que amanhã, inclusive, poderia chegar atrasada ao colégio ou simplesmente nem ir, ninguém me pediria explicações. Bastaria dizer: o atentado foi em meu bairro, em minha rua, tive pesadelos a noite toda, tive uma queda de pressão, não conseguia caminhar, fiquei com muito medo de sair de casa. E a sra. Barzilai acreditaria em mim, apesar de amanhã ter prova de matemática.

Alguns minutos depois da explosão, ouvimos as sirenes das ambulâncias. Elas fazem um barulho horrível, um barulho que rompe o ar e os tímpanos. Como o miado assustador de um gato com a cauda presa numa porta, amplificado por uma sonorização digna de show de rock pesado. Cinco, seis, sete ambulâncias, não contei todas.

Ouvi mamãe, que não saía do telefone, e a voz nítida e entrecortada de algum correspondente no rádio, ou na tevê. Certamente havia mortos. Quase sempre há mortos. Mas eu não queria saber quantos, nem quais. Não hoje. Porque tinha acontecido bem perto de casa.

Eu gostaria de silenciar tudo completamente, mas como?

Fui para a cozinha beber um pouco de vodca com limão. Mamãe não me viu. No caminho, peguei os tampões de ouvido que papai usa quando vai nadar. Com eles, mais meu maior travesseiro sobre a cabeça, talvez eu tivesse uma chance de dormir, mesmo sabendo que, amanhã, ao acordar, ninguém me diria que estava tudo bem, que tinha sido apenas um pesadelo.

A vodca não me caiu muito bem. Aparentemente, meio copo é demais para mim. Hoje de manhã, acordei com dor de cabeça e o rosto todo inchado. “Você parece o Pernalonga”, disse Eytan me descabelando. Meu irmão é o único ser no mundo que tem o direito de me descabelar sem receber um tabefe no segundo seguinte. Ele sabe disso e aproveita.

Ele sorriu para mim. Sua cara não era a de alguém que passou a noite vendo horrores. Mas como é a cara de alguém que viu horrores? Ele tem vinte anos, presta o serviço militar em Gaza, com certeza vê horrores todos os dias, ou a cada dois dias, quando tudo está tranquilo. Imagino que tenha aprendido a não ver, ou a esquecer, para não parecer um velho antes do tempo.

É estranho. Acho que nunca escrevi tanto quanto entre ontem e hoje. Algumas meninas de minha sala de aula mantêm diários e contam o que acontece com elas todos os dias. Eu nunca fiz isso. Nem para esmiuçar minhas histórias de amor, para dizer que meus pais são velhos e chatos, ou para revelar meus sonhos. Enfim, suponho que seja isso que se escreva num diário.

Quando fiz treze anos, minha avó me deu *O diário de Anne Frank*, a história da judia holandesa que, durante a Segunda Guerra Mundial, viveu num esconderijo com a família antes de ser deportada. Ela sonhava em ser escritora e, acima de tudo, em viver livre, poder ir ao cinema, passear num parque, olhar as árvores e ouvir o canto dos pássaros sem ter medo de ser presa e morta pelos nazistas. No esconderijo, havia outra família, e ela acabou se apaixonando por um menino chamado Peter. Muitas vezes me perguntei se ela realmente o amou, ou se não teve escolha, porque ele era o único menino de seu meio.

O que mais me fez mal foi que no fim do livro estava escrito: “Anne Frank morreu dois meses antes da libertação do campo de Bergen-Belsen”.

Dois meses... É tão pouco. Reli essa frase dez vezes e, depois, por muito tempo, fiquei com vontade de apertar a mão de Anne Frank, de dizer para ela: “Agente firme, seu inferno logo chegará ao fim, ele não durará a vida toda, só oito semanas, agente firme e você estará livre, poderá ir ao cinema, olhar as árvores e ouvir o canto dos pássaros, você poderá inclusive ser escritora. Por favor, fique viva!”.

Mas não tenho superpoderes, não tenho uma máquina do tempo, e é isso que entristece, quando penso no que aconteceu.

Ainda não sei por que estou escrevendo tudo isso. Tiro notas medianas em literatura, nada mais, e não sonho em me tornar escritora. Tenho vontade mesmo é de fazer cinema, ser cineasta. Ou então ser pediatra, na verdade ainda não escolhi

direito. Mas, desde ontem à noite, sinto uma necessidade incrível de escrever, só penso nisso. Como se um rio de palavras precisasse sair de dentro de mim para que eu pudesse viver. Tenho a impressão de que nunca conseguirei parar.

Não consegui escapar das informações. Meus olhos veem, meus ouvidos escutam, há jornais e rádios por toda parte e eles falam sobre a tragédia.

O terrorista se explodiu dentro do café Hillel. Seis corpos foram encontrados. Foi um atentado médio, ou seja, vão falar dele por dois dias, e mais um pouco nos suplementos dos jornais do fim de semana. Houve um drama. Um drama dentro do drama. Uma jovem morreu, junto com o pai. Ela se casaria hoje. Foi morta algumas horas antes de vestir seu lindo vestido branco, algumas horas antes de o fotógrafo levar o jovem casal aos mais belos lugares de Jerusalém para tirar fotos como um príncipe e uma princesa que teriam muitos filhos. O noivo-que-não-pôde-se-casar aparecia arrasado diante do caixão. Ele quis colocar a aliança no dedo da noiva, mas o rabino não deixou, disse que a lei religiosa proibia que se celebrasse a união com uma morta.

Eu me pergunto se a lei religiosa dedicou algum capítulo à conduta que se deve manter em casos de desespero.

Fecho os olhos para esquecer o rosto da jovem que nunca se casará. Ela tinha exatos vinte anos. Apenas três a mais do que eu. Como seria minha vida se eu soubesse que só me restariam três anos de vida? Não tenho a menor ideia, com certeza essa é uma pergunta idiota e inútil, mas, mais do que isso, é uma pergunta na qual não consigo parar de pensar.

Quando o medo volta, como nesses últimos dias, tenho a impressão de que todos esquecemos quem somos. Nos vemos como vítimas em potencial, como corpos que podem ficar ensanguentados e inertes só porque alguém escolheu explodir-se bem ao lado. Tenho vontade de saber quem eu sou, de que sou feita. Por que minha morte seria diferente de qual-

quer outra? Se eu dissesse isso na frente de meus pais, ou de meus amigos, eles arregalariam os olhos e delicadamente diriam que estou precisando descansar. Deve ser por isso que decidi escrever: para não assustar os outros com o que tenho dentro da cabeça, e para que não decretem impulsivamente que fiquei louca.

## *Ver as pombas voarem*

Eu me chamo Tal Levine. Nasci no dia 1º de julho de 1986, em Tel Aviv, mas moro aqui, em Jerusalém. Sei que todas as pessoas da Terra já ouviram falar de Jerusalém e que, se existirem extraterrestres, eles também com certeza conhecem esse lugar, é uma cidade muito importante. Mas ninguém a conhece como meu pai e eu. Meu pai é apaixonado por história e arqueologia, ele é um dos maiores guias turísticos de Israel. Quando um chefe de Estado está de visita, é a ele que chamam, para que dê vida às pedras através de histórias. É um mágico: seus olhos verdes e límpidos adquirem um brilho estranho quando ele começa a contar como o rei Davi decidiu fazer daquela montanha pedregosa, longe do mar e do rio, a capital de seu reino; como o filho de Davi, Salomão, construiu um templo e palácios; como Nabucodonosor e, depois, os romanos destruíram o templo. Ele pode falar por horas sobre Jesus, que antes de morrer viu do alto da cruz as colinas de Jerusalém. “Você se dá conta, Tal”, ele me diz com frequência, “foi aqui que tudo aconteceu, aqui que tudo continuará acontecendo.” E segue em frente, contando como, muito tempo depois, os cruzados vindos da Europa lutaram contra os muçulmanos para reconquistar o túmulo de Jesus. E então sobre os longos séculos em que a chamada Cidade Santa perdeu todo o seu esplendor. A Cidade Velha, minúscula e sufocada dentro de sua muralha, era, há cem anos, a cidade inteira. “Ruelas sombrias”, diz meu pai, “ruelas em que os burros esbarravam nos homens sem se preocupar em saber se eram judeus, cristãos ou muçulmanos. Alguns milhares de valoro-



sos habitantes piedosos guardavam os lugares santos das três religiões, pensando ser os últimos a lembrar deles e pensando que o mundo, que entrava na época moderna, já esquecerá que Jerusalém era o centro do universo. Eles estavam enganados. Quando os judeus decidiram voltar para a terra de seus ancestrais para ser um povo livre, as rivalidades em relação à cidade começaram. Os judeus diziam que eram os primeiros ali, três mil anos antes, que estava escrito na Bíblia e que, durante os dois mil anos em que não tinham tido país, todas as orações eram feitas voltadas para Jerusalém. Os muçulmanos respondiam que estavam ali havia treze séculos, o que não é pouco, e que seu profeta Maomé teria ascendido aos céus dali. Os cristãos tentam se posicionar lembrando que Jesus morreu ali e que, se ressuscitasse, haveria grandes chances de que fosse no mesmo lugar, então seria bom que houvesse alguns dos seus no local para recebê-lo. Mas você sabe, Tal, em vez de amarem essa cidade como ela merece e se entenderem, eles vêm lutando por ela há mais de cinquenta anos — como os homens antes lutavam por uma mulher, com paixão —, a cada dia com um pouco mais de ódio por seus rivais. Eles nem percebem mais que suas guerras ferem, cada vez mais violentamente, aquela que dizem amar, e que de certa forma a estão destruindo.”

É assim que meu pai fala. É por isso que ele é um poeta maravilhoso, um narrador com quem posso caminhar por horas, viajando no tempo, olhando para minha cidade com olhos diferentes da maioria das pessoas. Sei que existem cidades magníficas no mundo, sonho em conhecer Paris, Veneza, Pequim e Nova York, mas já sei que é aqui que quero viver.

Viver, e não morrer.

Continuo voltando àquilo, não consigo pensar em outra coisa por muito tempo, não consigo esquecer que o atentado aconteceu ao lado de casa.

Há alguns anos, fiz uma viagem com meu pai e Eytan para perto do mar Morto. Caí e me machuquei bem feio. Era realmente horrível e assustador, mas eu não conseguia tirar os

olhos do sangue, da longa abertura que ia do joelho ao tornozelo e que dava a impressão de que minha perna não era mais minha.

Agora, é exatamente a mesma coisa, só que estou inteira. Mas, dentro de minha cabeça, estou aos pedaços. Fico pensando que eu ia bastante ao café Hillel com Eytan, quando ele estava de licença, ou com minhas amigas. E que poderíamos estar lá. Não entendo como a vida pode depender de tão pouco: ter vontade ou não de ir ao café ao lado.

Nos últimos três anos, tivemos um número incalculável de atentados em Jerusalém. Às vezes todos os dias, e mesmo duas vezes por dia. Não conseguíamos mais seguir os enterros pela tevê e chorar com as famílias, eram muitos.

As pessoas dizem que se acostumam. Eu não.

Cresci com a ideia de que entre os palestinos e nós poderia haver outra coisa além de corpos dilacerados, sangue e ódio.

Eu tinha sete anos em 1993, mas me lembro muito bem do dia 13 de setembro. Papai e mamãe não foram trabalhar e compraram quilos de salgadinhos, minissalsichas, pistaches e champanhe também. Seus olhos brilhavam e eles não paravam quietos na frente da tevê ligada.

É muito raro ligarmos a tevê durante o dia.

É ainda mais raro meus pais comprarem porcarias para beliscarmos.

É raríssimo eles deixarem Eytan e eu nos empanturrarmos sem dizer nada.

E é absolutamente inacreditável eles terem me dado, aos sete anos, champanhe para beber.

Certamente é por todos esses motivos que me lembro tão bem do dia 13 de setembro de 1993. Na tela, na frente de um palácio de açúcar, estava nosso primeiro-ministro, Yitzhak Rabin. Ao lado dele, havia um sujeito que parecia um ator de seriado americano. De fato, era o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton. Ele tocou no ombro de Yitzhak Rabin e o aproximou de um estranho senhor que usava um lenço quadriculado em preto e branco na cabeça. Entendi, pelo que di-

zia o comentarista, que se tratava de Yasser Arafat, o representante dos palestinos. Os dois homens trocaram um aperto de mão e as milhares de pessoas bem vestidas que estavam na grama da Casa Branca (estava escrito na tela: “ao vivo da Casa Branca, Washington”) aplaudiram como se fosse um feito fabuloso.

Naquele momento, pela primeira vez vi meu pai e minha mãe chorando. Fiquei muito incomodada, e acho que fiquei ressentida com eles. De repente pareciam crianças frágeis, com rostos banhados em lágrimas incompreensíveis. Senti vontade de dizer: “Voltem logo para seus rostos sérios, severos ou gentis, mas voltem a ser meus pais, e os pais não choram, que eu saiba. Pais sabem tudo, são muito sólidos e muito fortes, não começam a choramingar de maneira ridícula só porque dois homens trocaram um aperto de mãos”.

Lembro também de ter sentido muito medo, porque, se meus pais estavam chorando, queria dizer que uma grande desgraça tinha acontecido, e que nossa vida mudaria. O champanhe, os salgadinhos, as minissalsichas e os pistaches com certeza estavam ali para celebrar nosso último momento juntos, ou algum acontecimento dramático e irreversível.

Papai me lançou um olhar:

— Venha aqui comigo, Tal.

Ele me colocou nos joelhos, acariciou meu rosto e disse:

— Às vezes choramos de alegria, minha querida. E hoje, estamos muito felizes. Você está vendo algo muito importante: os palestinos e nós, os israelenses, finalmente nos entenderemos para viver aqui em paz. Nunca mais haverá nenhuma guerra, talvez você e Eytan nem precisem ir para o Exército. Essa é uma notícia que nos comove porque por muito tempo sonhamos com ela.

Meu pai acreditava naquilo. E como eu acredito em tudo que ele me diz, éramos ao menos dois, naquele dia, a ver pombas brancas voando pelo céu de Jerusalém.